

Resiliência en la escuela

EMARIANNE CAMPANHA TEIXEIRA¹

Resumo

Reconhecendo a importância da resiliência no construto educacional, esta resenha, baseada no livro “Resiliência na escola”, objetiva favorecer a reflexão e a prática para que as instituições educacionais sejam ambientes privilegiados para o desenvolvimento de competências resilientes em toda a comunidade por elas envolvidas.

Palavras-chave: Resiliência; instituições educacionais; mudança de atitude.

Abstract

Recognizing the importance of resilience in educational construct, this review based on the book “Resilience in school”, objectively promote reflection and practice so that educational institutions are privileged environments for developing skills resilient throughout the community involved by them.

Keywords: Resilience; educational institutions; attitude change.

Resumen

Reconociendo la importancia de la resiliencia en construcción educativa, esta revisión basada en el libro “Resiliencia en la escuela”, promover la reflexión objetiva y práctica, de manera que las instituciones educativas son ámbitos privilegiados para el desarrollo de habilidades flexibles en toda la comunidad involucrada por ellos.

Palabras-clave: Resistencia; instituciones educativas; cambio de actitud.

O livro “Resiliencia en la Escuela” apresenta o intuito de discutir como construir uma perspectiva de resiliência frente aos embates e desafios cotidianamente presentes no contexto escolar – mas que apresentam sua origem fora deste – pelos vários sujeitos que compartilham desse cotidiano: gestores, docentes, alunos, famílias, vizinhança, toda a comunidade

escolar, enfim. No percurso dessa construção, os autores sugerem uma metodologia de seis passos, que constituem, no entender deles, os seis elementos construtores de resiliência. Ao longo do livro, estes são explicados, apontando-se como podem ser aplicados a toda comunidade escolar, incluindo o relato de escolas que empregaram o método proposto, com o histórico das ações desenvolvidas e os resultados alcançados.

A visão que muitos têm da instituição educacional, contemporaneamente, versa-se para o falimento: muitas críticas são dirigidas ao pouco efetivo desempenho dos educandos, aos problemas disciplinares, ao desinteresse de educandos e educadores, tudo repercutindo em uma concepção de fragilidade na formação integral dos jovens. Parece que a “cultura negativista” tem ganhado espaço nos discursos, no senso de perceber com mais facilidade os limites do que as possibilidades. No entanto, vários problemas sociais, como a drogadição, a violência e outros tipos de “desordens sociais”, têm alimentado uma cultura do medo, da incerteza, da insegurança e da instabilidade das instituições, dentre elas a escola. Segundo os autores resenhados, esse quadro tem nos colocado uns contra os outros, enquanto membros da comunidade escolar, em uma aparente dinâmica do “nós contra eles”, ao invés do ideal de uma comunidade educacional cooperativa. Nesse contexto, urge entender, no cotidiano educativo, a resiliência, verificando suas possíveis contribuições para os âmbitos educacionais formais ou não formais.

No que diz respeito ao conceito de resiliência, os autores afirmam que não existe nenhuma definição universal acertada do termo, porém quase todas que encontradas bibliograficamente são bastante parecidas. Vejamos algumas, citadas pelos autores: Richardson e colaboradores (1990) definem a resiliência como “[...] o processo de lidar com acontecimentos vitais dissociadores, estressantes ou ameaçadores, de modo que proporcione ao indivíduo destrezas protetoras e defensivas adicionais, diante destes acontecimentos”. Higgins (1994) retoma esse parecer ao definir a resiliência como “[...] o processo de auto canalizar-se e crescer”. Wolin e Wolin (1993) a caracteriza como “[...] a capacidade de sobrepor-se, de suportar as penas e de emendar-se a si próprio”. Estes autores explicam que o termo resiliência foi adotado no lugar de outras concepções anteriores, que influenciavam os investigadores do campo das ciências humanas a descrever fenômenos relacionados àquele sujeito que se mostra capaz de manter-se relativamente estável, frente a situações de enfrentamento da dor e do sofrimento, tais como “invulnerável”, “invencível” ou “resis-

tente”, considerados pouco adequados. No termo resiliente, afirma-se o reconhecimento de que a capacidade de resistir aos impactos do ambiente é um processo de luta e também de sofrimento.

Como o livro dirige-se a alunos e docentes, ele se versa sobre uma definição adaptada daquela de Rirkin e Hoopman (1991), os quais elencam elementos para a construção da resiliência que deveriam dar-se nas escolas. Segundo esses autores, a resiliência pode definir-se como a capacidade do sujeito de recuperar-se, sobrepor-se e adaptar-se com êxito frente às adversidades e desenvolver competência social, acadêmica e vocacional, mesmo quando exposto a um estresse grave ou simplesmente às tensões inerentes ao mundo de hoje.

Contudo, a resiliência não é um fator sempre constante – ou dado – na vida das pessoas, mas varia de um indivíduo a outro, podendo ampliar-se e também declinar com o tempo, a situação orgânica, o nível e os episódios de desagregação que o sujeito deve enfrentar e o auxílio que encontrará, ou não, no seu entorno. Nesse sentido, há os fatores de proteção, que são aqueles existentes no ambiente, que amenizam o impacto negativo das situações e condições estressantes. São de extrema importância, e as escolas podem criar situações ambientais que promovam reações resilientes perante circunstâncias imediatas, assim como também enfoques educativos, programas de prevenção e intervenção, com currículos adequados, para desenvolver fatores protetores individuais.

Essa perspectiva cabe, com maior ênfase, às crianças que enfrentam situações de tensão vinculadas à aprendizagem e ao seu processo de desenvolvimento psicossocial, mas também a educadores que se sentem igualmente “emparedados”, frente às várias situações de estresse encontradas no ambiente escolar. A construção de fatores de proteção pode ajudar a equilibrar os acontecimentos estressantes, favorecendo a adaptabilidade dos sujeitos, até que encaminhamentos efetivos dos fatores tensionais sejam construídos. Os fatores de proteção também têm um papel importante na prevenção de situações de degradação vivencial dos contextos de vida, buscando evitar situações sérias de desequilíbrio adaptativo, pois “[...] quando os acontecimentos opressivos da vida têm maior peso que os fatores resilientes, até mesmo a pessoa mais resiliente pode ter problemas” (WENNER, 1990, p. 111).

Os autores descrevem como seria o perfil de uma pessoa resiliente e denotam que tanto adultos como crianças são notavelmente semelhantes, nesse aspecto. Bernard (1991) caracteriza as crianças resilientes como

indivíduos socialmente competentes, possuidores de habilidades para a vida, tais como o pensamento crítico, a capacidade de resolver problemas e de ter iniciativa. Também são firmes em seus propósitos e possuem uma visão positiva do seu próprio futuro: têm interesses especiais, metas e motivações para progredir, na escola e na vida. Higgins (1994) faz uma caracterização semelhante, no que diz respeito aos adultos resilientes, destacando sua capacidade de estabelecer relações positivas, resolver problemas e encontrar motivações de superação. Nesse perfil, os adultos possuem iniciativas de mudança social e em grande parte nutrem o senso da fé, consideram-se espirituais ou religiosos. A maioria procura extrair algum sentido das realidades de estresse, tensão e, até mesmo, sofrimento, como aquelas de tragédias ocorridas na vida.

Pode-se então, mediante ao exposto, pensar que a resiliência seja um fator disponível para crianças ou adultos que possuem uma dinâmica de vida bastante integrada. Contudo, a resiliência é considerada como um fator que deve e pode ser aprendido ao longo do processo de desenvolvimento. Os autores resenhados sustentam que as pessoas podem desenvolver a resiliência internalizando atitudes como: iniciativa e independência, praticando o conhecimento interior, cultivando relações sociais positivas, senso de humor, a criatividade e a moralidade. Wolin e Wolin (1993) sustentam que, incluídas uma sequer dessas características no processo de desenvolvimento de uma criança ou de um adulto, poderia bastar para dar suporte a esse desenvolvimento, possibilitando a encarar os desafios do entorno, ou seja, a resiliência pode ser desenvolvida por meio de um único ponto forte inicial.

Henderson e Milstein (2008) afirmam que, muito mais que uma lista de recursos, a resiliência é um processo, embora, aparentemente, alguns indivíduos possuam tendências genéticas que contribuem para a resiliência, como temperamento desenvolvido e atributos físicos (WERNER; SMITH, 1992).

A bibliografia sobre risco e resiliência salienta que as escolas são ambientes privilegiados para que os sujeitos desenvolvam a capacidade de superar as adversidades e de se adaptarem às circunstâncias de pressão e problemas decorrentes do cotidiano vivido. Das investigações em evidência surgem pontos relevantes que mostram de que modo as escolas, as famílias e as comunidades podem contribuir para com os fatores de proteção ambientais e as condições que fomentam os fatores de proteção individual.

Para tornar possível essa via, os autores utilizam uma estratégia de seis passos para promover a resiliência nas escolas. Essa estratégia será apresentada no decorrer do texto e os passos são aplicados para com os docentes, alunos e comunidade escolar.

Passos de 1 a 3: reduzir o risco

A investigação sobre os fatores de risco ao desenvolvimento psicossocial vem sendo investigada nas últimas décadas, sobretudo por Hawkins, Catalano e Miller (1992). Esses estudiosos indicam três estratégias principais para reduzir o efeito de riscos na vida de crianças e jovens, mais especificamente em relação às instituições educacionais. São elas:

1. Enriquecer os vínculos sociais: percebe-se que crianças com fortes vínculos sociais positivos, na família, na comunidade, em grupos esportivos, religiosos, dentre outros, estão menos expostas a situações de riscos em seu processo de desenvolvimento psicossocial do que aqueles desprovidos desses vínculos ou com vinculações sociais empobrecidas;
2. Fixar limites claros e firmes: consiste na elaboração e na implementação de políticas e procedimentos institucionais coerentes. Estas devem partir das expectativas existentes nos alunos, educadores, famílias, discutidas com a comunidade escolar, serem expressas por escrito e transmitidas com clareza, indicando os objetivos esperados com as regras;
3. Ensinar habilidades para a vida: estas incluem cooperação, resolução dos conflitos, estratégias de resistência e assertividade, destreza comunicativa, habilidade para resolver problemas e tomar decisões e uma boa gestão do estresse. Essas estratégias, quando realizadas de forma adequada, ajudam a prevenir e/ou a enfrentar os momentos de maior ameaça ao desenvolvimento, de forma a manter o equilíbrio da dinâmica existencial.

Passos de 4 a 6: construir resiliência

A investigação sobre resiliência aponta três passos adicionais importantes para proporcioná-la. Bernard (1991) sintetizou esses passos em

algumas recomendações que constituem condições ambientais que deveriam estar normalmente presentes na vida dos sujeitos:

4. Oferecer afeto e apoio: este é o mais importante elemento para promover a resiliência; sem ele se torna quase impossível superar as adversidades. Esse afeto não precisa ser necessariamente de membros da família; pode vir de outras pessoas que fazem parte da vida do sujeito;
5. Estabelecer e transmitir expectativas elevadas: é importante que as expectativas para a vida, ao mesmo tempo em que sejam elevadas, sejam também realistas, servindo como motivação, pois, muitas vezes, o sujeito é exposto a rótulos que, com o tempo, vão determinando ou bloqueando seu empenho, causando baixa autoestima e baixa expectativa de si mesmo. Isso também se aplica a educadores que criticam o fato do não reconhecimento de suas habilidades e potencial, subestimando-se;
6. Oferecer oportunidades de participação significativa: significa compartilhar com a comunidade educacional, de forma distribuída, a responsabilidade pela sua gestão, permitindo a discussão de todos os envolvidos na resolução de problemas, o tomar decisões, planejar, fixar metas e ajudar uns aos outros. Depois da família, a escola é o lugar mais propício para que os alunos experimentem as condições que promovem a resiliência. Para que de fato esse processo seja efetivo, a escola precisa reconhecer nas relações a possibilidade dessa construção.

Esses passos requerem que os responsáveis pelas instituições educacionais tenham atitudes construtoras de resiliência, que queiram desenvolvê-las, imbuindo-se de esperança e otimismo. Os adultos que trabalham em instituições educacionais devem buscar os pontos positivos dos jovens, da mesma forma que detectam seus problemas, procurando dar mais ênfase ao positivo, pois, assim, cria-se uma atmosfera em que o sujeito recebe motivações para refletir sobre seu próprio comportamento e expectativas de vida. A bibliografia que trata sobre resiliência é clara ao afirmar que são os pontos considerados positivos que ajudam que os sujeitos façam a passagem de uma situação de risco para o desenvolvimento psicossocial para a resiliência.

Um grande corpo de investigação documentou os efeitos nocivos dos programas que rotulam e marcam (negativamente) as crianças. [...] A rotulação é certamente um processo de desmotivador de mudanças. Para mudar, as pessoas devem acreditar na sua própria eficácia. Devem crer e confiar que possuem a força e a capacidade de conquistar mudanças positivas (BERNARD, 1993, p. 28).

Na tessitura do caminho para que as instituições de ensino se constituam como fomentadoras da resiliência, torna-se evidente os obstáculos. Para tanto, se a comunidade educacional é guiada mais pelas visões centradas no déficit e nas dificuldades, catalogando com rótulos o percurso de vida dos sujeitos, tal atitude pode ser extremamente prejudicial.

Para que de fato se possa ajudar o educando a desenvolver competências resilientes, é necessário conhecer os elementos concretos, ou seja, as características das suas vidas, pois aqueles que estão desenvolvendo a resiliência em um ambiente de alto risco terão menos possibilidades de conseguir desenvolvê-la, precisando de apoio para tanto. Sem o conhecimento exato dos fatores que contribuem para a resiliência e, assim, da dinâmica existencial dos sujeitos, torna-se mais difícil propiciar mudanças nos rumos do processo de desenvolvimento.

As instituições educacionais também são vítimas de algumas limitações e encontram muitos obstáculos para fortalecer a resiliência no cotidiano. Uma delas é a limitação do tempo, ou do modo que ele é utilizado, pois muitas vezes este não é destinado à construção de relações sociais mais positivas, mas ao cumprimento massivo de conteúdos curriculares. Outro obstáculo é a controvérsia sobre o papel que as instituições educacionais exercem na vida dos alunos, pois o modelo de que devem preparar pessoas para o “mundo do trabalho” tem atrasado em muito a preparação de um solo em que se possa construir a resiliência, assim como para vincular os sujeitos com a educação, em uma visão que considere de forma integral o seu desenvolvimento. Outro fator é que as instituições, de forma geral, abarcam muitos educandos, e esse perfil torna mais difícil a criação de um clima afetivo, a constituição de redes de relações sociais mais sólidas e uma educação mais personalizada.

Instituições que apresentam muitos desses obstáculos para a construção da resiliência podem encontrar menores probabilidades de desenvolvimento. Entretanto, muitos educadores conseguem criar salas de

aula construtoras de resiliência, em especial quando se dispõem a superar alguns dos obstáculos já citados.

Veremos agora como os seis passos, com os quais estamos em diálogo, podem expressar-se nas atitudes dos docentes e nas estruturas escolares:

1. Enriquecer os vínculos: existem vários meios de incrementar os vínculos nas instituições educacionais. Um deles é priorizar a participação da família nas atividades, convocando os pais ou responsáveis para que se sintam parte efetiva delas. Os pais devem poder ter voz e participação nas decisões da escola;
2. Fixar limites claros e firmes: é importante que a comunidade educacional participe da determinação dos limites e regras, deixando claro os direitos e os deveres a serem cumpridos. Os limites podem representar caráter de punição, por isso devem basear-se em atitudes de afeto. Para melhor clareza é necessário que todos que fazem parte da comunidade conheçam as políticas que a regem;
3. Ensinar habilidades para a vida: uma das alternativas é aplicar um método de aprendizagem baseado na construção coletiva, que incorpore naturalmente as habilidades de convivência, os trabalhos em grupo, expressar opiniões, fixar metas e tomar decisões;
4. Oferecer afeto e apoio: essa é a base de toda construção da resiliência. Esse componente deve expressar-se em atitudes concretas, como o levar em conta todos os educandos, saber seus nomes, estimular os resistentes, investigar e intervir quando se percebe que algum deles enfrenta situações difíceis. Isso significa dispensar tempo na aula/nas atividades para a construção de relações sociais positivas, também implica em construir um modelo de intervenção eficaz para os educandos que estão com problemas, assim como detectar e aproveitar de sua força de superação;
5. Estabelecer e transmitir expectativas elevadas: as estratégias que transmitem expectativas elevadas promovem a colaboração, ao invés da competitividade, centram-se na motivação intrínseca do sujeito baseada em seus próprios interesses e também compartilham a responsabilidade do aprender com o educando e com aqueles que o cercam. Os educadores expressam expectativas elevadas ao estabelecer relações fundamentadas na atenção individual a cada aluno, aplicando métodos de aprendizagem personalizados, valorizando a diversidade;

6. Oferecer oportunidades de participação significativa: a base fundamental deste passo está em oferecer ao alunos recursos que fomentem essa participação. As instituições podem se organizar de tal maneira que os alunos possam participar dos seus empreendimentos, como grêmios, jornais, atividades culturais. Essas possibilidades também agregam toda a comunidade, gerando o compromisso e a responsabilidade para com o sucesso das iniciativas.

Os autores resenhados afirmam que, para que de fato a resiliência seja efetiva, jovens resilientes necessitam de educadores resilientes. O fato de o educador ser uma pessoa resiliente e capaz de construir resiliência é muito importante para que os jovens possam desenvolvê-la. Se os educadores se encontram em situações difíceis, as quais não conseguem suportar, como podem encontrar energia e força necessária para promover a resiliência entre os alunos?

Existem alguns fatores que inibem a resiliência entre os educadores, porém, muitas vezes, a própria condição de trabalho se torna obstáculo, devido a pouca consideração recebida, salários baixos e, em muitos casos, uma formação profissional fragmentada. Torna-se crucial compreender essa realidade, elucidar os reais desafios que os educadores enfrentam e adotar meios para que também eles possam aprender e desenvolver a resiliência, pois existem muitos fatores internos e externos às instituições educacionais que afetam a resiliência dos docentes. Podem ser citados três fatores ambientais que afetam a sensação de bem-estar e eficácia dos educadores. Em primeiro lugar, as expectativas sociais sobre o que os educadores e as instituições educacionais devem fazer estão mudando; depois, a contexto de vida dos educandos/educadores/famílias, que também está em constante transformação, criando um sentimento de instabilidade contínua; e, em terceiro lugar, percebe-se que no passado a maioria das comunidades prestava uma forte ajuda aos seus membros e às suas instituições, e hoje parece existir um vazio e uma crescente crítica negativa por parte da comunidade a si própria e às suas instituições. Além desses elementos ambientais, existem fatores internos, próprios da instituição, que afetam a resiliência. Os educadores, no intuito de adquirir maior resiliência, podem também utilizar-se dos seis fatores construtores.

1. Enriquecer os vínculos: afirma-se a importância de situações em que os educadores possam trabalhar juntos em equipe, no in-

tuito de criar vínculos entre eles. Dentre as formas possíveis de estreitar os vínculos, os autores argumentam que a jornada de trabalho pode modificar-se para proporcionar mais oportunidades de interação significativa, dando espaço às equipes de trabalho, com fins didáticos, mas também relacionais. A gestão da instituição pode chamar os docentes a ter papéis mais efetivos dentro desta, na participação quanto às decisões e dinamicidade institucional, e, por último, interações personalizadas, como atividades em pequenos grupos, que promovam a sensação de pertença e motivem o desejo de ensinar. Estas estratégias – cooperação profissional, estabelecimento de objetivos claros para toda a instituição e atividade interpessoais – são muito úteis para gerar vínculos entre os educadores;

2. Estabelecer limites claros e firmes: os educadores são sujeitos de muitas regras, que compõem o sistema de ensino, como o retorno do desempenho dos educandos por meio de avaliações, expectativas a respeito da disciplina/comportamento dos educandos, horários e tantas outras, que nem sempre condizem ou exercem sentido na prática do docente. Para que os limites e as regras sejam construtivas, precisam, *a priori*, deixar espaço para a criatividade e autonomia, dando ao docente a confiança de poder reconhecer as regras não como dogmas, mas como exercício que comporta flexibilidade e diálogo. E, como já dito, devem ser preparadas em caráter comunitário;
3. Ensinar habilidades para a vida: os educadores necessitam sempre de capacitação. Percebe-se, por exemplo, a evolução tecnológica, que nem sempre está ao alcance deles; os cursos de capacitação, que, às vezes são oferecidos, na maioria das vezes voltam-se para o campo intelectual, enquanto seria imprescindível versarem também sobre a arte da convivência, do bem-estar, da escuta, promovendo maior apoio da comunidade ao trabalho realizado, dentre outras providências;
4. Oferecer afeto e apoio: a prática de oferecer afeto e apoio tem muita relevância no cotidiano do educador. Existem muitas formas de fazê-lo; uma delas é a capacidade de transmitir mensagens de felicitação pelas coisas positivas, encontrando meios de celebrar com encontros e momentos de distensão as conquistas da

- instituição. A gestão pode também ajudar a formar a mentalidade da comunidade quanto à valorização e estima pelo educador;
5. Estabelecer e transmitir expectativas elevadas: como se promovem essas expectativas? O que motiva os educadores é a reflexão sobre a importância da causa que estão abraçando, e isso se reforça a partir da construção coletiva, das metas, do diálogo e dos objetivos comuns. Quando as expectativas são elevadas e reais, a dedicação dos educadores aumenta e entre eles inicia-se uma organização em que as tarefas também podem ser compartilhadas;
 6. Oferecer oportunidades de participação significativa: a maioria dos educadores tem muito mais a oferecer à instituição do que o aparentam suas funções específicas. Possuem habilidades que podem enriquecer muito a escola e a comunidade.

Algumas características das escolas construtoras de resiliência também são apresentadas pelos autores. No intuito de desenvolver a resiliência na instituição educacional, é preciso atentar-se para alguns pontos, que, segundo os autores, inibem esse processo:

- A mudança implica perda e desestabilização: as pessoas devem abandonar algo antes de poder avançar rumo a outras coisas, e isso comporta questionar-se nas próprias crenças, visões de mundo; enfim, toca bastante à subjetividade dos envolvidos e exige que eles possam reavaliar-se para perceber quais práticas necessita adotar e quais necessita abandonar;
- A mudança gera confusão: muitas vezes se torna mais fácil concordar com o que não está muito bom do que investir na mudança, por esta ser causadora de conflitos; porém, quando a gestão institucional tem a visão de como está e aonde quer chegar, torna-se mais fácil avançar. Importa ter presente as situações de limites e fracassos, pois permitem aprender;
- As mudanças transformam as relações de poder: algumas pessoas resistem às mudanças porque elas parecem prejudicar a capacidade de controlar determinados aspectos da vida institucional; outras apoiam por pensar que elas servirão para adquirir maior influência, em termos de poder. Em ambos os casos, a conduta dos participantes obedece a razões distintas em relação à mudança proposta, as quais precisam ser expostas e conheci-

das para que não “sabotem” o processo de transformação em direção a instituições resilientes e que se mostrem prontas para promover a resiliência.

Já expomos o que os autores analisaram sobre os seis fatores construtores de resiliência em relação aos educandos e aos educadores, agora a atenção se dá à instituição educacional, ambiente que pode favorecer ou bloquear a resiliência:

1. Enriquecer os vínculos: uma das características que influenciam muito esse quesito é o clima institucional, que pode ser muito diverso. Este leva em conta a cultura, as tradições, o sistema de crenças e de valores presentes na instituição. Modelar o clima e a culturas nas escolas é um meio importante para promover a resiliência. O clima institucional, como o meteorológico, pode mudar, provocando efeitos a curto prazo. O clima caracterizado pelo respeito, confiança, o crescimento, a coesão, o afeto, o apoio e o estímulo é importante para que a gestão e a comunidade educacional possam reforçar a construção da resiliência institucional;
2. Fixar limites claros e firmes: os limites institucionais claramente formulados ajudam os membros a distinguir seu modo de comportamento. Para que tenham segurança do que se espera deles, se faz necessário transmitir-lhes expectativas claras a respeito de sua conduta acadêmica e social. Sua compreensão e aceitação dessas expectativas serão maiores se eles mesmos puderem intervir na definição e classificação destas;
3. Ensinar habilidades para a vida: as instituições construtoras de resiliência promovem a conexão entre aprendizagem institucional e individual, estando aberta a mudanças e à eficácia;
4. Oferecer afeto e apoio: existem muitos modos de promover o afeto e o apoio para todos os membros da comunidade educacional. Em primeiro lugar, a instituição pode incentivar a cooperação e a solidariedade, organizar celebrações e ritos de passagem e orientar a todos a pedir e oferecer ajuda quando necessário. Em segundo lugar, a direção deve buscar ser uma presença reconhecida na instituição e na comunidade mais estendida. Conhecer os nomes e interesses dos educandos, ter contato com as famílias e dar respostas às inquietações dos educadores. Em terceiro lugar,

as iniciativas criativas podem ser suportadas com os recursos humanos, fiscais e materiais necessários, que deverão ser distribuídos de maneira justa e equitativa para que todos tenham confiança nas intenções da instituição no assegurar o bom êxito e bem-estar de sua comunidade;

5. Estabelecer e transmitir expectativas elevadas: as estratégias concretas para estabelecer e transmitir essas expectativas são: encorajar todos os membros a elaborar planejamento que vise ao desenvolvimento-expectativa acadêmicas para os educandos e prioridades profissionais que indiquem com clareza para os educadores os resultados esperados; estabelecer procedimentos regulares de supervisão e oportunidades de receber retroalimentação positiva e corretiva; facilitar ocasiões de aprendizagem cooperativa, que motive a prestar e receber ajuda; celebrar as realizações; relatar episódios que destaquem o esforço e o êxito; criar ocasiões de mútuo apoio com a comunidade;
6. Oferecer oportunidades de participação significativa: a instauração de uma maior autonomia no estabelecimento educativo tem repercutido em inquietação, por esta conferir poder aos seus membros. Em muitas instituições ocorre uma relativa falta de participação. Muitas vezes os alunos são vistos como clientes ou usuários, ou até mesmo considerados muito jovens para participar e intervir nas decisões. Da outra parte, em muitas realidades, a diferença da função e *status* entre educadores e os dirigentes acaba por empobrecer a participação coletiva. Diante desse quadro urge a mudança de atitudes, a fim de que todos possam convencer-se de estar fazendo coisas importantes, que possam sentir-se incentivados a contribuir ao máximo com suas capacidades, que reconheçam o valor da participação e colaboração, que se desperte a consciência do efeito da dinâmica global que a instituição exerce sobre a vida da pessoa para seu próprio futuro, que se sintam livres para rever os pressupostos existentes, que se tratem com mútuo respeito, que sejam encorajados a experimentar e assumir os riscos.

Destacam-se também alguns passos de mudança na escola para a construção da resiliência. O primeiro passo do processo é o diagnóstico, pois se torna imprescindível reconhecer o estado da realidade institucional.

As áreas que requerem diagnóstico são aquelas referentes aos seis fatores construtores de resiliência. Existem muitos modos de reunir essas informações, sendo que os autores sugerem a criação de uma “roda da resiliência”, espaço no qual a comunidade pode discutir esse conceito e suas implicações para a instituição e para a vida da comunidade, convidar especialistas para discutir o tema, fornecer material de estudo, dentre outras. O segundo passo, depois de reconhecida a realidade, é verificar o que se está fazendo adequadamente e decidir o que é preciso mudar; e o último passo seria determinar um curso de ação para garantir a continuidade do processo, traçando um percurso de ações em sintonia com todos os envolvidos.

Para finalizar, acredita-se que estudar essa temática da resiliência tem importância pela urgência de desenvolvermos a resiliência na realidade das instituições educacionais brasileiras, pois o fato de inseri-la no cotidiano pode ser uma forma de se tratar a questão da qualidade de vida nessas instituições – e para além delas –, promovendo esforços para pensar os fatores de risco ao desenvolvimento psicossocial dos sujeitos, que se fazem presentes na própria instituição educacional, e como anulá-los e transformá-los. As instituições educacionais devem ser promotoras de vida, e a teorização sobre o conceito de resiliência pode colaborar para tanto.

Recebido em: 13/04/2013

Aprovado em: 3/06/2013

Notas

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL). E-mail: assocfasap@uol.com.br

Referências

HENDERSON, Nam; MILSTEIN, Mike. **Resiliencia en la escuela**. 1. ed. 4. reimp. Buenos Aires: Paidós, 2008.